

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS

TOMO XLV

**Abertura das Comemorações do
Bicentenário de Darwin na
Academia das Ciências de Lisboa**

E. R. DE ARANTES E OLIVEIRA



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2018

Abertura das Comemorações do Bicentenário de Darwin na Academia das Ciências de Lisboa

E. R. DE ARANTES E OLIVEIRA

Senhores Académicos,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Tenho a honra de saudar Vossas Excelências e de agradecer a vossa presença.

Ao pronunciar este pequeno discurso de abertura das comemorações do bicentenário de Charles Darwin na Academia das Ciências, começarei por observar que tais comemorações se revelaram importantes para a Academia, não só pelo interesse próprio do assunto, mas também por a sua promoção ter permitido demonstrar as virtualidades únicas da Instituição.

Para o tratamento do Tema, a que se deu o título “O Darwinismo 200 anos depois”, foram de facto mobilizados sócios de todas as Secções da Classe de Ciências, e de duas (a de Filosofia e a de Economia) da Classe de Letras. Não houve da nossa parte nenhum propósito de bater recordes. A contribuição de tantas Secções para um objectivo comum surgiu naturalmente do aproveitamento das variadas capacidades dos nossos sócios e do interesse que estes revelaram por tal iniciativa. Mas raras vezes o saber concentrado na nossa Academia terá sido tão felizmente canalizado para uma determinada iniciativa.

E, se é certo que os nossos académicos exerceram, e alguns continuam a exercer, a sua actividade científica noutras instituições nacionais, nomeadamente em universidades, também o é que nenhuma destas poderia ter organizado um conjunto de conferências, a nível tão elevado, exclusivamente com membros seus. Exceptua-se o último Colóquio, sobre “Os Modelos Matemáticos da Evolução”, que, embora coordenado por um académico da Secção de Matemática da Academia, será quase totalmente realizado por não-académicos. Por outras palavras, a Academia das Ciências revelou mais uma vez ser a instituição nacional que melhor poderia servir para lançar iniciativas deste tipo.

*

Tudo começou no ano passado quando, na qualidade de Presidente da Classe de Ciências, formei uma comissão com os membros da Classe especialmente interessados em colaborar nestas comemorações.

Depois de realizadas as reuniões consideradas suficientes, a comissão julgou adequado confiar-me o prosseguimento dos seus trabalhos, tendo-se os seus membros posto à minha disposição para, sempre que necessário, serem consultados a título individual. A estrutura organizativa das comemorações passou assim, de um órgão colegial, para um coordenador geral, que a Comissão dotou de um guião (suficientemente flexível para ser alterado se a necessidade o impusesse), e de um conjunto de consultores já familiarizados com o projecto. De entre estes, permito-me destacar o Director do Museu da Academia,

Prof. Telles Antunes, eminente naturalista a quem frequentemente recorri dado que a minha especialidade é, como nos primeiros tempos da Academia se dizia, a das “ciências do cálculo”, e não a da “ciências da observação”.

Antes de tomar essa deliberação, a Comissão fixara um tema geral, intitulado “O Darwinismo 200 anos depois”, que tinha a grande vantagem de não pôr o acento tónico exclusivamente em Darwin, mas em todo o processo científico que Darwin desencadeou, sem esquecer todos os investigadores que o precederam, ou lhe sucederam, e os domínios científicos por estes influenciados. O termo “Evolução” foi evidentemente adoptado como palavra-chave e o tema geral foi decomposto em quatro colóquios, a saber:

- I – “O papel de Darwin na Teoria da Evolução”,
- II – “Química e Biologia da Evolução”,
- III – “Evolução Biológica e Ciências Naturais”,
- IV – “Filosofia e Sociologia da Evolução”,

aos quais propus juntar o quinto fora dos cânones habituais dos estudos sobre o Darwinismo, intitulado:

- V – “Modelos Matemáticos da Evolução”.

Este último colóquio terá de ser lançado no âmbito do Instituto de Altos Estudos da Academia, já que para a sua realização se recorrerá, como já disse, a especialistas externos. A respectiva organização foi naturalmente confiada à 1.^a Secção, a de Matemática.

Para evitar sobrecarregar excessivamente a actividade académica, seguiu-se o critério de realizar os colóquios nas quintas-feiras destinadas às sessões ordinárias da Classe de Ciências, como se se tratasse de sessões ordinárias em que, em vez de uma comunicação, ou quando muito duas, se realizarão três, ou mais.

Para cada colóquio foi nomeado um coordenador que apoiou a Classe na respectiva organização, e ao qual competirá garantir o cumprimento dos horários das apresentações e debates. Espera-se também destes coordenadores que desempenhem um papel importante na condução desses debates e que actuem como editores do livro que dos colóquios resultará.

A primeira comunicação deste primeiro colóquio será a do Professor Armando Lencastre, que timbrou em apresentar-se como um não-especialista, ou seja, como alguém que pretende lançar interrogações na esperança de obter respostas. Destas respostas, algumas poderão ser dadas já hoje, durante o debate a realizar no final do presente Colóquio, outras poderão ser fornecidas nos Colóquios que se seguirão.

A segunda comunicação será do Professor Carlos Almaça que, com a sua reconhecida competência, nos falará de “Darwin Revisitado”.

Na terceira, a Professora Maria Salomé Pais, que acumula a autoria de uma comunicação com a coordenação do Colóquio, tratará do “Papel das Novas Tecnologias na Investigação Biológica”.

*

Embora, ao escrever este meu singelo discurso, evitasse o mais possível sobrepor-me aos especialistas que tomaram sobre si a responsabilidade de apresentar comunicações, não resisti à tentação de alinhar eu próprio algumas ideias sobre a Evolução.

Veio-me ao espírito um livro de Schrödinger – o físico cujo nome está associado à equação que está na base da Mecânica Quântica –, intitulado “Vida, Espírito e Matéria”.

Interrogou-se o autor sobre se seria de esperar uma evolução física da Humanidade, isto é, transformações relevantes do organismo humano susceptíveis de se tornarem gradualmente fixas por hereditariedade. Notando que, no caso do Homem, as mutações não passam em regra de pequenos saltos numa escada em que cada degrau corresponde, quando muito, a uma pequena vantagem, observou que podemos estar a aproximar-nos de um beco sem saída, sem que isso signifique necessariamente uma extinção da nossa espécie.

Ora, baseando-se as deduções de Darwin num número imenso de indivíduos dos quais apenas uma pequena fracção tem possibilidades de sobreviver ao cabo de sucessivas gerações, reconheça-se que, no homem civilizado, este mecanismo parece estar bloqueado, e em certos aspectos até invertido, já que é para nós penoso ver sofrer e morrer os nossos semelhantes. Por isso, têm-se introduzido aperfeiçoamentos legais e sociais tendentes a proteger a vida, suprimir o infanticídio, ajudar a sobreviver os doentes e os frágeis, impedir a eliminação natural dos menos aptos, e aumentar a duração da vida até aos limites do possível.

Se, num passado muito remoto, as guerras entre pequenas tribos parecem ter sido eficazes na selecção dos mais capazes, deixaram de sê-lo em tempos históricos, quando se transformaram em carnificinas completamente desprovidas de sentido. Também dos progressos da medicina e da cirurgia resultou um salvamento de vidas indiscriminado. E o progresso social, que compensa a dureza da vida em sociedade, dirige-se nitidamente para a protecção dos mais fracos. Nem a guerra, nem a medicina, nem o progresso social, parecem pois orientados para qualquer objectivo de selecção.

No entanto, ao contrário do que se passa nas plantas e nos escalões inferiores do reino animal, a inteligência do Homem permite-lhe determinar por escolha o seu comportamento: vantagem incalculável essa que pode contrabalançar a desvantagem de uma reprodução lenta e escassa, e ainda mais escassa pelo cuidado, biologicamente muito perigoso, posto em não deixar que a descendência exceda o número máximo acima do qual seria impossível assegurar a subsistência.

Mas a mesma inteligência que nos dá a faculdade de escolher faz-nos esperar que as coisas não aconteçam como se tivessem sido pré-determinadas. Por outras palavras, a marcha da História depende largamente das nossas acções. E, sendo assim, futuro biológico da espécie humana – que não é mais que a História numa larguíssima escala –, não deve ser olhado como um destino implacável, fixado *a priori* por leis da Natureza. Se é certo que, isoladamente, pouca influência poderemos ter na Sociedade, fica-nos a possibilidade de contribuir para persuadir um grande número dos nossos semelhantes a comungarem connosco na fixação de sistemas de valores e das normas que deles procedam.

E daí a vital importância do aperfeiçoamento das religiões e dos sistemas políticos.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE CIÊNCIAS
NA SESSÃO DE 5 DE FEVEREIRO DE 2009)